

## **A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL COMO EIXO DE MINHAS REFLEXÕES**

GABRIELA BARRETO DA SILVA SCRAMINGNON (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

### **Resumo**

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada durante o Curso de Especialização em Educação Infantil na PUC-RIO, e propõe pensarmos alguns assuntos referentes ao cotidiano da nossa escola de educação infantil, como também pensarmos o trabalho desenvolvido neste espaço. Buscamos problematizar algumas experiências vividas, trazendo o que se pensa sobre as crianças, a infância hoje e a formação do professor que irá atuar junto às crianças. No primeiro momento, apresentaremos um resgate histórico das concepções de infância a fim de construirmos uma identidade histórica da infância e do atendimento à criança. Neste momento iremos caminhar também pelo contexto histórico-brasileiro, constatando os direitos da criança à educação, até nos situarmos no momento atual. Logo em seguida, focaremos o nosso olhar para a formação dos profissionais da educação infantil. Travaremos algumas discussões sobre o atendimento das crianças de 0 à 6 anos. A fim de dialogarmos com a prática, trarei o relato de algumas experiências que fazem parte de um contexto particular e inacabado. Inacabado por ter sido gerado a partir de narrativas de experiências, observações e reflexões reais que aconteceram e continuam acontecendo dentro do cotidiano escolar da educação infantil, trazidas por mim, professora do município do Rio de Janeiro. Iremos tecer fios que tratam da ação docente do educador infantil, que se constituem em sua prática, o que, de início, nos leva a entender que não será possível encontrarmos um ponto de chegada e sim, um caminho que tem como ponto de partida a minha trajetória. Neste percurso, iremos – eu e os possíveis leitores – trilhar por caminhos que nos levam a questões como: a relevância de políticas públicas direcionadas para a formação do educador infantil, a contribuição da educação continuada para a prática reflexiva do professor e o trabalho na educação infantil.

### **Palavras-chave:**

Formação de professores, Educação Infantil, Experiências.

Esta comunicação é fruto do trabalho de conclusão do Curso: "Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em Creches e Pré-escolas", realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2007. Neste trabalho, como pesquisadora-narradora, professora e professora-pesquisadora[1], discuto e problematizo algumas experiências e questões referentes à formação em serviço dos profissionais da educação infantil da rede municipal Rio de Janeiro, tendo como foco os professores da pré-escola.

No primeiro momento faremos uma breve contextualização da situação atual da educação infantil na realidade brasileira, trazendo algumas discussões sobre o atendimento das crianças de 0 a 6 anos. Em seguida, discutiremos a concepção de formação em serviço priorizada neste trabalho. Finalizando, a fim de dialogarmos com a prática, trarei o relato de algumas experiências que fazem parte de um contexto particular, - o meu - onde atuo como professora da pré-escola.

Iremos tecer fios que tratam da ação docente do educador infantil, que se constituem em sua prática, o que, de início, nos leva a entender que não será possível encontrarmos um ponto de chegada e sim, um caminho que tem como ponto de partida a minha trajetória. A opção por esta temática está inteiramente

ligada a minha experiência enquanto professora. As questões trazidas para reflexão emergiram - e continuam emergindo - dessa experiência.

Durante o curso de especialização anteriormente citado, que trata especificamente da educação infantil, tivemos a oportunidade de nos aproximarmos muito das questões da infância, tanto ao que se refere ao desenvolvimento, como ao que se refere às políticas e a história. Parando para pensar na história da educação infantil no Brasil, temos conquistas: a Constituinte de 1988 que reconhece a educação infantil como direito das crianças de 0 a 6 anos, dever do Estado e opção da família, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que reconhece a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

Hoje temos assegurada uma concepção de criança cidadã, e da educação infantil como direito da criança. Segundo Kramer (1995), as crianças são cidadãs, e indivíduos sociais que têm direitos a que o estado deve atender, como o direito à educação. Mas, esses serviços devem ser garantidos com qualidade.

Cabe ressaltar que nem sempre as crianças tiveram seus direitos garantidos em forma de lei. Vale lembrar que durante um momento na história, suas necessidades não foram olhadas. Não havia diferença entre criança e adulto. A infância é uma categoria social e histórica. Se houve sempre crianças, não houve sempre infância."(Sarmiento, 2001, p.14)

Algumas lutas foram travadas, e no decorrer do caminho as crianças foram ganhando mais espaço. Durante muito tempo, a assistência foi a única preocupação no atendimento das crianças. Não havia uma preocupação com a questão pedagógica, e muito menos com os profissionais que iriam atuar junto às crianças.

As formas de organização da sociedade e as condições de existência e de inserção da criança em cada contexto social, econômico, político e cultural é que vão delineando as diferentes concepções de infância e as diferentes formas de ser criança.

Os estudos advindos da academia já afirmaram a necessidade de um trabalho na educação infantil de qualidade, voltado para a cidadania, encarando a criança como sujeito, como produtora de cultura. Muito avançamos legalmente no que diz respeito aos direitos da criança pequena como cidadã. Mas, pensando na prática educativa, existe uma questão que "assombra" este cotidiano, que é a formação dos profissionais que irão atuar junto às crianças.

### **A formação dos profissionais: um desafio a ser alcançado**

Com o reconhecimento da educação infantil como primeira etapa da educação básica, e os debates que conseqüentemente surgiram em torno da formação necessária aos profissionais que atuam junto às crianças, vários têm sido os discursos - tanto os oficiais, expressos na legislação, quanto os científicos, oriundos do campo acadêmico.

De acordo com Kramer (2001, p.99), para retomar o direito como um fato há um desafio a ser alcançado em relação às políticas municipais: a formação dos profissionais da educação infantil. Formação essa, que podemos caracterizá-la como um processo amplo que vai desde a formação no ensino médio; formação no curso superior; formação que acontece nos movimentos sociais como fóruns por exemplo; formação dentro da escola; e formação cultural que engloba as experiências como arte, literatura, cinema etc. A mesma autora em seu artigo

"Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica"(1997, p.21), alerta para o fato de que a prática pedagógica não será transformada através de propostas bem escritas ou por decretos e sim a partir de condições de trabalho, de salário, de participação ampla, de estudo e de confronto de idéias.

**A formação deve possibilitar uma reflexão dos professores sobre sua própria prática docente, de modo que estes possam examiná-las realizando sempre um processo de auto-avaliação que oriente seu trabalho**

"A concepção de formação do professor como profissional reflexivo se torna cada vez mais necessária, pois possibilita uma mudança das práticas. Desta forma, entende que a mudança se dá a partir de uma reflexão sobre a prática e na prática."(NÓVOA, 1995, p.37)

É necessário nos processos de formação, a participação dos professores como autores, participantes, e não apenas como expectadores das inovações e das propostas que muitas vezes já vêm "prontas", para serem executadas.

"Propor uma educação em que as crianças aprendam, construam, adquiram conhecimentos e se tornem autônomos e cooperativos implica pensar, ainda, a formação permanente dos profissionais que com eles atuam. Como os professores favorecerão a construção de conhecimentos se não forem desafiados a construírem o seu? Como podem os professores se tornar construtores de conhecimentos quando são reduzidos a executores de propostas e projetos de cuja elaboração não participaram e são chamados apenas a implantar?" (Kramer, 1997, p.22)

A formação em serviço precisa identificar no professor o foco de todo o processo de formação, pois é este profissional que atua no cotidiano, estabelecendo relação entre teoria e prática.

Se hoje há toda uma preocupação com a garantia do desenvolvimento pleno das crianças, o investimento na formação dos profissionais que irão atuar junto às crianças, também é uma necessidade. Precisamos considerar que as condições em que se dá à formação precisam permitir aos professores fazer o movimento de apropriação da teoria a partir da prática e de reflexão da prática à luz da teoria.

Recentemente foi desenvolvida uma pesquisa[2] nos municípios do estado do Rio de Janeiro, onde o foco principal foi à formação dos profissionais da educação infantil. Podemos observar como um dos resultados obtidos, que a formação em serviço oferecida aos professores pelos seus municípios, tem sido desigual, predominando apenas atividades eventuais, que tendem à descontinuidade. Outra questão levantada foi à falta de uma preparação prévia do professor para atuar junto à criança pequena, nem como condição de acesso.

**A formação em serviço dos professores da pré-escola na rede municipal do Rio de Janeiro**

A fim de situarmos a pré-escola numa perspectiva macro na rede municipal do Rio de Janeiro, traremos alguns dados importantes deste atendimento. O atendimento às crianças de 4 a 6 nos acontece em escolas de ensino fundamental que possuem turmas de pré-escolas, ou em escolas exclusivas de educação infantil. O atendimento à pré-escola está sob a administração do Departamento de Educação Infantil da Secretária Municipal de Educação. Quanto aos professores que atuam na pré-escola, estes são efetivos, aprovados em concursos públicos. A exigência para o ingresso é a formação em nível médio na modalidade normal ou curso de pedagogia com licenciatura plena. Não há concurso específico para os professores

da pré-escola. Os professores aprovados nos concursos escolhem a escola onde vão trabalhar segundo a ordem de classificação no concurso, dependendo das vagas disponíveis. O regime semanal de trabalho é de vinte e duas horas e meia.

Considerando o contexto de organização da pré-escola nesta rede pública, busquei neste trabalho ir ao encontro da palavra do professor que, dentro da instituição onde atua, têm construído uma identidade do profissional da pré-escola no município. O objetivo era pesquisar sobre o processo de formação em serviço. Ele existe? Como acontece?

Durante algum tempo fiquei pensando aonde eu iria "mergulhar" para dar corpo a este trabalho. Tentei fugir algumas vezes da possibilidade de mergulhar no meu próprio "mar", mas não tive escapatória. O tempo todo eu me via levantando questionamentos que na verdade eram os meus. Que necessidade era essa de ter que ir para longe? Porque não falar do que está perto? Talvez a idéia de valorizar o que está mais longe possa ser uma justificativa para o momento que tive de tentar fugir da minha realidade.

Vamos mergulhar juntos no mar que fica em Bonsucesso, no complexo da Maré, na comunidade da Vila do Pinheiro, na cidade do Rio de Janeiro. Nosso ponto de encontro vai ser a turma EI-20, da Escola Municipal "A"[3] que funciona com quarenta turmas sendo nove de pré-escola, e trinta e uma do primeiro segmento do ensino fundamental.

A turma é composta por vinte e oito crianças com idade de quatro anos que nos últimos meses têm sido o motivo da minha alegria, do meu crescimento, da minha inquietação, das minhas leituras, em alguns momentos da minha chateação e de muitas buscas por soluções que nem sempre tenho conseguido encontrar.

Falar do cotidiano é falar das experiências que temos vivenciado, sejam elas bem-sucedidas ou não. E se não são bem-sucedidas o que está faltando? Será que a minha formação vai dar conta do que está faltando? E se não der? E as crianças enquanto isso vão sendo "cobaias" dos acertos e desacertos? E o tempo que vai passando e não permite esperar os acertos acontecerem e nem volta para que possamos corrigir os erros?

O que me preocupa é que as crianças vão junto com esse tempo, e será que o objetivo da educação infantil de assegurar um trabalho de qualidade tem sido contemplado? Bem de pertinho, não é difícil perceber que a "coisa" está aí, e a gente tem que dar conta enquanto trabalha. Quando penso na qualidade do trabalho que tem sido realizado com as crianças, penso também na qualidade do trabalho que tem sido oferecido à nós professores. Que tipo de trabalho de formação de professores tem sido significativo a ponto de olharmos para nossa prática? A gente fala de aprendizagem significativa para as crianças. E a nossa?

Não vi outro jeito de falar de formação de professores, em especial da formação do educador infantil sem olhar para a minha. É querer demais tanto sucesso, com tão pouca formação, tão pouco investimento. É inegável que muito tem se avançado em teoria e que muito pouco tem beneficiado a nossa prática pelo fato de os avanços não estarem atingindo com força nossas escolas.

Na rede municipal do Rio, quinzenalmente temos encontros[4] com todo o grupo de professores da escola. Quando a pauta desses encontros é definida pela gestão da escola, a proposta pode ser de planejamento ou de estudo com todo o grupo de professores. Em alguns momentos recebemos propostas de discussão da Coordenadoria Regional de Educação, e precisamos usar este mísero tempo para

tantas questões. Em meio a tantas propostas, a urgência é o ensino fundamental, não "sobrando" tempo para questões específicas que tratam da pré-escola.

A escola tem apenas uma coordenadora para dar conta de quarenta turmas, isso quando não precisa estar em sala de aula por falta de professor. Dá para imaginar onde fica a pré-escola em meio a tantas outras exigências? Com este número de turmas e sem coordenação específica para a pré-escola, torna-se praticamente impossível um trabalho de orientação para este segmento. A urgência são os altos índices de repetência e evasão. A pré-escola pode esperar.

Quando são propostos momentos de formação pela rede municipal, grande parte dos encontros acontecem no horário de trabalho, sem dispensa de ponto. Raramente são oferecidos encontros onde todo o grupo possa participar, pois se o professor sair da escola para participar de algum evento, quem ficará com a turma se não há professor substituto? Quando a exigência é da participação de apenas um professor, a direção da escola esquematiza uma forma para que até o final do ano letivo todos possam participar pelo menos uma vez de algum momento de formação. Se ao menos houvesse a possibilidade do professor que participou da palestra, oficina, curso ou seminário, pudesse partilhar com os outros a atividade que participou, mas e o tempo? Os encontros têm acontecido de forma muito esporádica, fragmentada, sem continuidade, o que não contribui para o sucesso.

É de extrema importância também um espaço dentro da escola para discutirmos questões internas. Precisamos fazer combinados, discutir questões, tirar dúvidas. Acho importante trazer alguns exemplos para que possa ficar mais claro. Apesar de termos enquanto professores posturas diferentes, fazemos parte de uma mesma escola, por isso a importância de tempo para discutirmos questões tão importantes. Quer ver só? Na páscoa pinta ou não as crianças de coelhinho? E no dia do índio? Faz festa ou não no dia das mães e dos pais? Manda ou não dever de casa? Usa ou não caderno? Faz ou não exercícios para desenvolver a coordenação motora?

Em uma primeira leitura estas questões parecem bobas, mas não são. Se não tivermos espaços para discutirmos e cada uma tiver que ir fazendo como acha que deve, no final temos a impressão que dentro da mesma escola existem várias.

Às vezes temos ganhos com um grupo de professores durante algum tempo, mas a rotatividade prejudica. Vou explicar. Como a prioridade do atendimento do município é o ensino fundamental, a pré-escola só é atendida quando todas as turmas já estão com professor.

A exigência para trabalhar com a pré-escola e o ensino fundamental é a mesma. Como todos os professores estão "preparados para trabalhar em qualquer lugar", atuar na pré-escola acaba sendo uma questão de escolha ou de sorte. Se trabalhar com a pré-escola for uma opção do professor, ele poderá concretizá-la se todas as turmas do ensino fundamental já estiverem sendo atendidas. Também pode acontecer de chegar professor bem depois do início do ano letivo e pegar uma turma da pré-escola. Da mesma forma essa pode não ser a opção deste professor. Muitas vezes um professor que gostaria de trabalhar com a pré-escola acaba não conseguindo. Na verdade o que vemos é que muitas vezes este segmento precisa ficar com o que sobra. Educação física? Primeiro o ensino fundamental. Sala de leitura? Primeiro o ensino fundamental. Passeios? Só quando a verba puder ser usada na Educação Infantil.

Meu objetivo neste trabalho não é de forma alguma focar a escola. Gostaria que pensássemos é na estrutura que temos para fazer com que as coisas funcionem. Mas funcionar como? A escola precisa cumprir as exigências das coordenadorias, as

coordenadorias as exigências das secretarias, e quem cumpre as exigências das crianças? E a dos professores?

Neste contexto particular, o que tenho vivenciado é um cotidiano onde precisamos o tempo inteiro dar "jeitos". Quando falo "desse jeito" que às vezes não conseguimos dar, lembro de uma situação que diariamente me incomoda. São vinte e oito crianças na turma e uma professora - eu. Não tem auxiliar nas turmas de pré-escola ou até mesmo um inspetor que pudesse nos auxiliar, mesmo que fosse por andar. Quando alguma criança passa mal e necessita de um pouco mais de cuidado e atenção, o ideal seria que a professora pudesse atendê-la, por ser a pessoa mais próxima. Mas nem sempre isso é possível. Quem ficará com as outras vinte e sete?

Não posso esquecer de relatar que professor também tem necessidade de ir ao banheiro, que professor também passa mal... E aí a mesma questão: Quem fica com as crianças? Confesso que tenho muito medo de me ausentar e de acontecer alguma coisa sem que eu esteja presente. Uso muito a estratégia de chegar ao corredor e gritar o nome de uma colega que tem uma turma de alunos um pouco maiores, para me auxiliar - mas aí são alunos dela quem ficam sozinhos. Quando não consigo ninguém o "jeito" é torcer para que nada aconteça. Somos todos colocados em uma situação desumana. Não há outra palavra para resumir essa situação.

### **Considerações finais**

Não pretendemos de forma alguma encontrar respostas ou soluções para as questões levantadas durante este trabalho. Gostaria de defini-lo como um convite para que outros também reflitam, discutam, observem, experimentem e olhem para suas experiências e histórias, vendo-as como objeto de estudo, reflexão, mudança, construção e transformação.

Durante o encaminhamento do trabalho, tive a oportunidade de trazer para o texto, um contexto particular - o meu, que envolvia e envolve outras pessoas - e com ele não consegui fazer algo diferente do contar algumas experiências, envolvendo aprendizagens, dúvidas, questionamentos, insegurança, insatisfação, alegrias, angústias crescimento, estudo, realizações e muita reflexão.

O aprendizado nos possibilita "enxergar" melhor. É como se pudéssemos ir mais além. É poder olhar para a nossa prática com a certeza de que alguma coisa deve ser feita, mesmo que haja insegurança quanto ao que é necessário que se faça. É querer ousar, criar... É tentar sair do sistema que aparentemente está dando "certo" e tentar mudar através da reflexão sobre as narrativas das nossas próprias experiências.

O que temos visto é que na maioria das vezes, a "concepção de formação", tem se limitado apenas a uma formação esporádica, sem continuidade. Não é novidade que os processos de formação neste município muito têm deixado a desejar.

E aí, se o processo de formação não estiver aberto à criação, à inovação, e à participação dos professores, como sustentar um conhecimento com sentido para eles e para as crianças?

É necessário a implementação de políticas de formação de profissionais que atuem junto às crianças, para que documentos não se tornem letra morta. Os avanços têm tido ganhos nos discursos e na teoria, e perdido nas ações concretas como afirmam Corsino e Nunes (2001, p.16). Este distanciamento trazido pelas autoras

entre o que seria o ideal ao falarmos de educação infantil e a realidade que nos deparamos ainda é muito grande.

É necessário que haja políticas públicas compromissadas com a formulação de projetos de formação dos profissionais da educação infantil. Se hoje a criança é vista como ser histórico, produtora de cultura, me parece ser primordial que se enfatize a importância de um trabalho significativo onde a criança seja bem orientada. Mas, e o professor?

"Falando agora da nossa formação como professoras. Quais são os possíveis que contribuem para a nossa opção metodológica da nossa prática? A leitura? As narrativas? O curso formalizado? A semana pedagógica? A aproximação das experiências? Quanto - e estou querendo falar sobre quantidade e qualidade - é nos permitido debruçar e demorar sobre nossa formação para que esta nos ajude a configurar melhor as nossas opções? Quanto os cursos e lugares por que passamos se debruçam sobre nós, permitindo que saíamos da superficialidade e, assim, evitando a banalização de certos conceitos fundamentais à compreensão dos tantos aspectos da nossa profissão?" (FERNANDES, 2004, p.101)

A concepção de criança que acreditamos e procuramos priorizar neste trabalho, considera a criança como sujeito histórico, que nasce num tempo, numa classe social e num determinado contexto sócio-cultural. O conceito de infância, nesse sentido traduz-se no mundo presente, dos direitos, sendo a criança não uma expectadora desse tempo, mas um sujeito ativo do processo.

Sendo assim, a formação do educador está diretamente ligada à formação do cidadão. Pensar em uma educação de qualidade para as crianças, que contribua para a formação de sua cidadania, como sujeitos críticos, criativos, autônomos, responsáveis, cooperativos e participantes, é estar voltado diretamente para a formação dos educadores que com eles interagem.

A partir daí, fico pensando: Quando nós professores seremos vistos desta forma, como quem também depende de orientação para a realização de seu trabalho de forma mais segura? Quando será que seremos alvos dos processos de formação que dialoguem conosco em busca do que temos produzido com nossas experiências?

A experiência nos possibilita aprendizado. Recorrendo as minhas memórias, vejo quanto tempo perdi ensinando "bobagens". Fico pensando quantos de nós em algum momento já paramos para pensar nisso. Sabemos que aprendemos com os tombos, mas como o tempo não volta, as crianças foram junto com esse tempo. E aí eu pergunto: Quantas de nossas crianças têm aprendido tantas "bobagens" e perdido tempo realizando atividades sem significado por conta do esvaziamento na nossa formação? Quantas são as faltas nesse atendimento por conta dessa má formação?

As questões aqui levantadas, tornam-se um convite para pensarmos a importância de uma formação que possa dar conta de percebermos o que é ou não relevante em nosso trabalho. Uma formação que nos possibilite percebermos que estamos errando, uma formação que de conta de conhecermos as especificidades das crianças.

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1998.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente, nº 8.069, 13 de jul. 1990.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB). Lei Federal n.º 9.9394, de 26/12/1996.

CORSINO, Patrícia e NUNES, Maria Fernanda Rezende. "A Educação Infantil no contexto das políticas atuais: um desafio para os sistemas educacionais. In: KRAMER, Sônia et alli (org). **Relatório de pesquisa**: formação de profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Ravil, 2001.

FERNANDES, Maria Valéria Padilha. **Na periferia do sonho**: crônicas de uma experiência de formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KRAMER, Sonia. 1993. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola; Leitura escrita e formação de professores. São Paulo, Ática.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. Rio de Janeiro: Papéis e cópias, 1995.

\_\_\_\_\_. "Propostas Pedagógicas e Curriculares: subsídios para uma leitura crítica". In: **Educação e Sociedade**, Ano XVIII, N.60, dezembro, 1997.

\_\_\_\_\_. (org) **Profissionais da educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005b.

LINHARES, Célia & GARCIA, R. L. Observando jardins no chão da escola. In: **Simpósio Internacional**: Crise da Razão e da Política na Formação Docente. Niterói, 2001.

NÓVOA, Antônio (org). Formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e sua formação**. 2. ed. Portugal: Nova Enciclopédia, 1995.

SARMENTO, Manuel Jacinto.2001. "A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade." In: GARCIA E LEITE. (org). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro, DP&A. P.13-28.

---

[1] Usamos aqui, o conceito professora-pesquisadora, como prática reflexiva de educadora que insatisfeita com seu fazer pedagógico, busca por em análise suas práticas, buscando novas explicações, novas formas de compreensão articulando teoria e prática. No entanto este processo complexo de fazer-se pesquisadora, só será possível se na escola existe um espaço de discussão coletiva que alimente a conjugação/observação/reflexão/observação. (Linhares, C & Garcia, R. L.)

[2] Esta pesquisa foi realizada a partir das vozes e experiências de professores e responsáveis que atuam em creches, pré-escolas e secretarias de educação de municípios fluminense. O resultado do trabalho está no livro: "Profissionais da educação infantil - gestão e formação". Sonia Kramer (org).

[3] A letra "A", foi o nome fictício de identificação da escola.

[4] Esses encontros são denominados: "Centro de Estudos", e acontecem de acordo com o calendário oficial da Secretaria Municipal de Educação do município do Rio de Janeiro. Alguns encontros têm duração de duas horas e quinze minutos, tendo aula normal no restante do tempo, outros no horário integral de quatro horas e meia.